

El sueño de la razon produce monstruos
Francisco Goya (1746 - 1828)



1. O PROCESSO DE ESCLARECIMENTO E SUAS SOMBRAS

“O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (Adorno e Horkheimer)

Mito: primeira forma de atribuir sentido ao mundo

O problema sobre o conhecimento sempre preocupou o ser humano, mesmo quando ele não tinha isso claramente explicitado. Encontramos no pensamento mítico a primeira tentativa de explicar os fenômenos e de atribuir um sentido ao mundo.

O homem primitivo diante de um mundo desconhecido, cheio de mistérios como o nascimento, a morte, a sucessão alternada entre dias e noites, as mudanças climáticas etc, tinha necessidade de entender esse mundo. Essa necessidade é própria da condição humana já que o ser humano, diante do medo, da admiração e do desconforto produzido pelo desconhecido precisa dar-lhe sentido. O caos necessita ser ordenado pela cosmogonia mítica para o ser humano encontrar o seu lugar.

Segundo o filósofo Ernst Cassirer, em sua obra *Filosofia de las Formas Simbólicas II: el pensamiento mítico*, o mito é a forma mais primitiva de conformação espiritual do mundo. “Muito antes que o mundo se dê a consciência como um conjunto de ‘coisas’ empíricas e como um complexo de ‘propriedades’ empíricas, se lhe dá como um conjunto de potências e influxos mitológicos”. (1998, p.17). Os mitos resultam das experiências coletivas dos homens, que não se reconhecem como produtores desses mitos, já que não têm consciência da projeção do seu eu subjetivo para os elementos do mundo. Segundo Cassirer, os “mitos” construídos por indivíduos, como por exemplo, os “mitos platônicos”, não podem ser considerados mitos genuínos.¹ Em Platão, os “mitos” foram elaborados de forma livre, com finalidades éticas e pedagógicas definidas. Platão não estava submetido ao seu poder. Já o mito verdadeiro não se reconhece a si mesmo como uma imagem ou metáfora; a sua imagem é a própria realidade. As emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são a interpretação do mundo exterior e interior. Ou seja, “... com o mito o homem começa a aprender uma nova e estranha arte: a arte de exprimir, e isso significa organizar, os seus instintos mais profundamente enraizados, as suas esperanças e temores” (CASSIRER, 1976, p.64). Por isso, o pensamento mítico não deve ser compreendido como mera ilusão ou patologia, mas sim como uma forma de objetivação da realidade mais primária e de caráter específico.

1.2 A emergência do pensamento filosófico

O ponto de partida para a filosofia grega foi às poesias cosmogônicas. Essas poesias explicavam o surgimento do mundo através de interpretações míticas. A passagem do pensamento cosmogônico para o pensamento cosmológico não se deu através de um salto e nem substituiu por completo o anterior. Foi um processo lento e gradativo em que uma série de fatores, como o nascimento da cidade estado, a invenção da escrita, das leis escritas, a invenção da moeda, contribuíram para que, assim como o poder e a organização da vida social, os mitos também fossem questionados.

Os aedos (poeta-cantor) são cultores da memória. Eles possuem a força da palavra e revelam a vida e a origem dos seres e do mundo. As concepções míticas são mantidas vivas pela tradição oral. Com a invenção e uso da escrita essas concepções passam a ser registradas. O rigor daquele que escreve é diferente do rigor daquele que fala e, as palavras, uma vez escritas, estão fixas, permitindo maior exame e reflexão posterior. Portanto, o uso da escrita tem uma contribuição fundamental para o questionamento

¹ Por isso mesmo é mais correto designá-los como alegorias.

das interpretações míticas.

Enquanto o pensamento mítico não questiona o seu conteúdo, o pensamento filosófico caracteriza-se pelo questionamento, pela investigação e argumentação racional para explicação da realidade. Embora o conteúdo da explicação, desses primeiros filósofos, tenha muita semelhança com o mito a forma de explicar é diferente.

Esses pré-socráticos buscam uma nova *alétheia* (verdade, aquilo que é desvelado), não mais a *alétheia* mítica, mas uma *alétheia* desvelada pelo *logos* filosófico.

O problema que unifica todo o período que ficou conhecido como cosmológico é a busca de explicar de onde vêm todas as coisas, ou seja, qual é a matéria primordial, a *arché*, que dá origem a todas as outras coisas existentes: pedra, flor, madeira, animal etc? De onde vem tudo isso? Os filósofos, posteriormente conhecidos como pré-socráticos, partem do pressuposto básico que todo o existente deriva de uma matéria primeira já existente e não questionam a origem dessa matéria primeira, justamente para não caírem num *circulus vitiosus* sem fim. Cada qual ao seu modo busca dar uma explicação racional para o existente. A cosmogonia mítica vai sendo aos poucos substituída por uma cosmologia racional. Serão abordados apenas alguns dos pré-socráticos.

1.3 Razão, logos, ratio

A palavra razão, na sociedade ocidental, tem origem em duas fontes: o termo latino *ratio* e o termo grego *logos*. Segundo Chauí (1997), ambos os termos são substantivos originados de dois verbos com sentidos semelhantes em grego e latim. “*Logos* vem do verbo *legein*, que quer dizer: contar, reunir, juntar, calcular. *Ratio* vem do verbo *reor*, que quer dizer: contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular” (1997, p.59) E o que fazemos, questiona Chauí, “quando medimos, juntamos, separamos, contamos e calculamos?” Pensamos com medida e proporção, pensamos de forma ordenada (1997, p.59) Dessa forma:

Logos, ratio ou razão significam pensar e falar ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para os outros. Assim, na origem, a razão é a capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas tais como são. A razão é uma maneira de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. É, também, a confiança de que podemos ordenar e organizar as coisas porque são organizáveis, ordenáveis, compreensíveis nelas mesmas e por elas mesmas, isto é, as próprias coisas são racionais (CHAUÍ, 1997, p.59)

Entendendo a razão como um modo de organizar e compreender a realidade fazendo-a inteligível, a atitude filosófica racional irá se opor a quatro outras formas de atribuição de sentido a realidade. São elas: 1) O conhecimento ilusório, que não penetra na realidade das coisas permanecendo apenas em sua aparência. 2) As emoções, os sentimentos e as paixões, que são caóticas, cegas e contraditórias prejudicando a produção de conhecimento claro e distinto. 3) As crenças religiosas, uma vez que a verdade é dada pela revelação divina e implica a aceitação pela fé. 4) O êxtase místico, que implica um abandono de si mesmo e da atividade intelectual e um mergulho na essência do divino (Cf CHAUÍ, 1997, p.60).

Outra idéia comum a filosofia foi considerar que existem certas regras ou princípios racionais que a razão estabelece e que estão de acordo com a realidade. São eles: Princípio de identidade: “A é A” ou “O que é é”. Princípio da não-contradição “A é A e é impossível que seja, ao mesmo tempo e na mesma relação, não A”. Princípio do terceiro excluído: “Ou A é x ou é y e não há terceira possibilidade”. Princípio da razão suficiente ou da causalidade: “Dado A, necessariamente se dará B”. “Dado B, necessariamente houve A” (Cf CHAUÍ, 1997, p.61).

1.4 Kant: o processo de esclarecimento

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem da sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*] (KANT, 2005, p. 64).

Kant, no seu texto “Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento?’”, explica que liberdade corresponde a autonomia, isto é, ser capaz de seguir as próprias leis pensadas pelo sujeito moral e não simplesmente seguir passivamente o que é ditado. É poder fazer uso do próprio esclarecimento. Para Kant, esclarecimento significa a saída do homem da condição de menoridade, menoridade essa caracterizada como a incapacidade de se utilizar o próprio entendimento sem a orientação de outrem. Para esse filósofo, a não-saída da condição de menoridade é culpa do próprio homem, que não tem coragem de fazer uso do seu entendimento. Segundo Kant, as causas que explicam a não-saída de muitos homens da menoridade são a preguiça e a covardia. Por um lado, existe a preguiça em mudar de posicionamento e, por outro, covardia para tomar tal atitude. “É tão cômodo ser menor”. Por isso é mais fácil continuar sendo o que se é: menor. Muitos preferem simplesmente não pensar, já que tem aqueles que pensam por eles: o padre, o médico, o político, entre outros. Esses tutores procuram manter os homens sob sua orientação, prevenindo-lhes que é perigoso caminhar por si mesmo. Por isso, muitos consideram difícil e perigosa a passagem para a maioridade. Para Kant esse perigo não é muito grande pois após algumas quedas se aprenderia a andar por conta própria. Mas para muitos, essa menoridade tornou-se quase que uma natureza e se adquiriu amor por ela, pois nunca os deixaram sair dessa condição. A condição para que um povo se esclareça é a liberdade. Sem ela, apenas poucos conseguem a transformação necessária para sair da menoridade. Para Kant, liberdade significa poder fazer uso público da própria razão em quaisquer questões. Ou seja, poder usar a razão de forma livre e pública entre os homens sobre todos os assuntos. A liberdade ética do sujeito moral não é algo dado, mas sim que deve ser conquistada. Pressupõe sair da condição cômoda, mas nefasta da dependência. Em épocas de crise social, manter a liberdade se torna uma tarefa mais difícil, pois se esta não está bem embasada os indivíduos passam a desconfiar de si mesmos. Como liberdade pressupõe pensar, escolher, decidir etc., ela é considerada muitas vezes mais como um problema do que uma conquista ou privilégio. E como é mais cômodo ter quem assuma essa tarefa e pense pelos outros, os homens acabam abrindo mão desse privilégio, acabam desejando e aceitando o feitiço de Circe.² Dessa forma, Kant valoriza o aprimoramento da razão como condição que possibilita o ser humano se libertar de sua condição de menoridade. É necessário *Sapere aude!*, ousar pensar, ousar “fazer uso do próprio entendimento”.

1.5 O esclarecimento na perspectiva de Adorno e Horkheimer

Segundo Adorno e Horkheimer a humanidade tem buscado sempre, através do esclarecimento, superar o medo do desconhecido e passar a posição de senhores. Mas isso levou a um problema: "a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal" (1985, p.19). Isso se deve ao casamento infeliz realizado entre o entendimento humano e a natureza das coisas.

O mundo esclarecido se torna também desencantado. É um mundo despido de seus aspectos míticos e místicos. Um mundo onde tudo pode ser conhecido, controlado e numerado. Segundo os autores, a essência desse saber esta na técnica. "A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital" (1985, p.20).

O que importa é dominar e subjugar a natureza e os homens, visando poder e lucro. O conhecimento torna-se sinônimo de poder. O importante não é a verdade, não é saber *o que é*, mas sim *como é*, qual a operação eficaz. Segundo Adorno e Horkheimer, a história do *logos* é a constante superação de tudo o que é transcendente, de tudo que não pode ser provado, só restando aquilo que pode ser explicado pela razão técnica. Mas a técnica é um saber que não se preocupa com o sentido, apenas com a eficiência prática. Não se pergunta mais pela felicidade, nem pelas causas e essências, mas sim como são as regras e qual o seu funcionamento. Tudo aquilo que foge ao campo da utilidade e do cálculo foge também aos interesses do esclarecimento.

A origem comum entre o mito e o esclarecimento é que ambos buscam controlar as desconhecidas forças da natureza.

² Na Odisseia de Homero, a feiticeira Circe transformou os companheiros de Ulisses em animais selvagens.

Na relação mítica com a natureza, o sacerdote estabelece uma mimese com as potências naturais. Ele se dirige a cada espírito de uma forma peculiar e singular, mimetiza os gestos de cólera ou apaziguamento dos espíritos, tornando-se semelhante a eles e com isso consegue assustá-los ou acalmá-los.

Já a ciência troca a mimese pelo princípio de identidade. Aquilo que deve ser conhecido pelo sujeito é aquilo que permanece imutável e universal. O conceito privilegia o caráter universal em detrimento das particularidades. Segundo Adorno e Horkheimer : "O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo. O esclarecimento corrói a injustiça da antiga desigualdade..." (1985, p.27).

O controle rígido ao qual o esclarecimento submete a natureza acaba por converter a desmitologização numa nova mitologia. O esclarecimento passa a pensar o mundo a partir do princípio de identidade, que exclui tudo o que é contraditório e, por isso mesmo, perde seu caráter dialético. É necessário que o pensamento pense sobre si mesmo. Segundo Jeanne Marie Gagnebin, no seu texto "Do conceito de razão em Adorno" :

... a razão triunfante só vence ao preço de uma proibição ditatorial sobre si mesma, a própria razão se torna o deus ameaçador mítico em relação a si mesma. O grande tema iluminista da autonomia da razão (isto é, o fato de ela se dar suas próprias leis e de não aceitar a obedecer a nenhum poder exterior) transforma-se, na análise de Adorno e Horkheimer , no tema do autodomínio, e mais, da auto-repressão da razão sobre si mesma (1997, p.112).

O pensar se fecha em si mesmo e perde a perspectiva da multiplicidade, passa a ser apenas um instrumento de dominação. Segundo Adorno e Horkheimer: "O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo. O esclarecimento põe de lado a exigência clássica de pensar o pensamento..." (1985, p.37).

Ao se recusar a pensar o próprio processo do pensar, esse pensamento regride à mitologia, a qual todavia, não conseguiu escapar. Esse tipo de pensamento que a tudo classifica e coisifica, que transforma tudo em objeto, reifica-se num automatismo totalitário.

Adorno e Horkheimer ilustram a constituição do sujeito racional no canto XII da Odisséia, quando Ulisses tem que enfrentar ainda alguns perigos antes de retornar à Ítaca.

Ulisses advertido do perigo do canto das sereias, se utiliza de dois recursos que possibilitam que todos sejam salvos e que ele possa, ao mesmo tempo, ouvir ao belíssimo canto sem sucumbir. Ulisses pede para ser amarrado fortemente ao mastro do navio e seus companheiros tem os ouvidos tampados com cera e a incumbência de remarem disciplinados e ainda o compromisso de amarrarem mais fortemente Ulisses se este pedir-lhes para que lhe soltem.

...amarrar-me de pé sobre a carlinga, com rudes laços, para que eu daqui não saia, e pendam fora do meu alcance as pontas das cordas. Se eu insistir convosco para que me solteis, apertai-me, então, em laços mais numerosos (Homero, 1996, p.144).

Dessa forma todos conseguem se salvar do encanto do canto das sereias. Os companheiros de Ulisses porque foram privados de ouvir o canto e remavam concentrados. Ulisses, amarrado ao mastro, pode escutar mas é obrigado a renunciar a esta felicidade. É obrigado a contemplar impotente ao espetáculo. Segundo Adorno e Horkheimer:

Amarrado, Ulisses assiste a um concerto, a escutar imóvel como os futuros freqüentadores de concertos, e seu brado de liberação cheio de entusiasmo já ecoa como um aplauso(...)

As medidas tomadas por Ulisses quando seu navio se aproxima das Sereias pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento (1985, p.45).

Ulisses só pode deleitar-se com o canto das sereias renunciando a ele, transformando-o em espetáculo. Sua razão astuciosa necessitou abdicar de si mesmo para triunfar. Para vencer o destino e sobreviver teve que renunciar a si mesmo e sacrificar-se.

A viagem metafórica da constituição do sujeito racional que calcula e domina a natureza pressupõe a renúncia de si mesmo, o sacrifício. Foi necessário reprimir os instintos e sacrificar-se para que Ulisses

ouvisse o canto, sobrevivesse e, depois contasse aos outros mortais sobre sua beleza. O sacrifício é o tributo necessário para a constituição do sujeito, para que este vença o destino e também para sua dolorosa separação do estado de natureza.

Ulisses é comparado, por Adorno e Horkheimer, ao futuro burguês que renuncia a felicidade quanto mais seu poder a torna possível. Já os remadores são comparados aos trabalhadores nas fábricas. Devem executar seu trabalho de forma disciplinada e sistemática não tendo ouvidos para o prazer que foi colocado de lado.

A razão burguesa entendeu que conhecer a natureza é sobretudo dominá-la. O esclarecimento torna-se uma dominação cega que não se preocupa mais com a essência, apenas com a eficiência. Tudo se transforma em mercadoria, em objeto quantificável que deve gerar lucro. O pensamento atrofiado reifica-se num automatismo autoritário que o faz regredir à mitologia.

Reabilitar o pensamento que pensa sobre si mesmo; eis aí o caminho alternativo ao *totalitarismo da razão*.

1.6 Anti-semitismo e esclarecimento

Na ordem da sociedade capitalista reificada, em que os homens se transformam em coisas e as coisas em seres com forças próprias, a desfiguração dos homens é inerente ao próprio sistema. O pensamento é abolido e os homens tateando cegamente, privados de sua subjetividade, aceitam como seus *guias* aqueles que estão no poder. Agressores e vítimas agem cegamente, atacando-se e defendendo-se, pertencentes ambos ao mesmo sistema nefasto.

Segundo Adorno e Horkheimer, "não existe um genuíno anti-semitismo e, certamente não há nenhum anti-semite nato" (1985, p.160). Porque as vítimas são intercambiáveis e, dependendo da conjuntura e dos interesses do poder, podem ser substituídas por outras: católicos, mendigos, idosos etc. Assim também, as vítimas podem tomar o lugar dos assassinos, quando a nova norma dessa forma prescrever.

A consciência moral deixa de existir no fascismo, pois o indivíduo substitui sua responsabilidade por si e pelos outros pela responsabilidade de servir ao sistema. O sistema por sua vez escolhe os *bodes expiatórios* em que vão projetar a culpa. Os judeus, por vários motivos, que os autores apontam, são alvos privilegiados dessa projeção, além disso, eles exibem a imagem daquilo que embora condenado pelos perseguidores nada mais é que a inspiração inconfessa dos mesmos: "os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito" (Adorno & Horkheimer, 1985, p.185).

Para os autores é fundamental reabilitar o pensamento, a reflexão para que seja possível se passar da condição patológica que é a sociedade anti-semite para uma sociedade humana. "Superando a doença do espírito, que grassa no terreno da auto-afirmação imune à reflexão, a humanidade deixaria de ser a contra raça universal para se tornar a espécie que (...) é mais que simples natureza..." (1985, p.186).

Para a superação da dominação individual ou coletiva é necessário um movimento de todo perseguido contra a falsa projeção, como forma de tornarem-se senhores de si mesmos e perderem assim, aquilo que os fazem semelhantes com a cega imagem projetada. Segundo os autores:

A emancipação individual e social da dominação é o movimento contrário à falsa projeção, e todo judeu que soubesse vencê-la dentro de si perderia toda a semelhança com a desgraça que irrompe sobre ele, assim como sobre todo perseguidos, homens ou animais (1985, p.186).

Segundo Adorno e Horkheimer, não há mais anti-semitismo, no sentido desse ser uma escolha subjetiva e independente do indivíduo. O que existe é uma mentalidade de *ticket*. Quando se diz 'sim' a uma determinada plataforma de um partido político já se aceita em bloco todo um conjunto de posturas ideológicas. Esse conjunto pode conter dizimação dos judeus, negros, protestantes, fechamento de sindicatos, caça aos socialistas etc.

No mundo onde tudo se transforma em mercadoria não há mais espaço para o pensamento reflexivo. Os juízos deixam de ser ponderados, meditados e perdem seu poder de discernimento. "Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro do falso estão desaparecendo" (Adorno & Horkheimer, 1985, p.188).

Os seres humanos não se reconhecem mais no próprio mundo que eles produziram. Embrutecidos e desprovidos do pensar dialético contemplam um mundo fetichizado. Esse estado de coisas favorece que as massas sejam facilmente manobradas para aceitação dos *tickets* ideológicos. Segundo os autores:

A mentalidade do *ticket*, produto da industrialização e de sua propaganda, adapta-se às relações internacionais. A escolha do *ticket* comunista ou do *ticket* fascista depende da impressão que o Exército vermelho ou os laboratórios do Ocidente deixam no indivíduo (1985, p.191).

Os *tickets* poupam os indivíduos do trabalho (ou do prazer) do pensamento dialético. Já trazem pronto todo o cardápio ideológico deixando aos indivíduos a simples tarefa de escolher entre um ou outro. Mesmo as massas judias, segundo Adorno e Horkheimer, são, assim como os anti-semitas, sujeitas a mentalidade de *ticket*. Mas os autores vislumbram a possibilidade do anti-semitismo desaparecer:

"O fato de que o anti-semitismo só ocorre, tendencialmente, como uma posição de *ticket* intercambiável, justifica sem sombra de dúvida a esperança que ele venha desaparecer" (1985, p.193). No entanto, isso não significa ainda uma superação da mentalidade de *ticket*, já que mesmo aqueles que são atraídos pelos *tickets* progressistas, embora "psicologicamente mais humanos", não conseguem sair do círculo demarcado pela mentalidade de *ticket* e acabam por se transformarem em contrários à diferença. "Não é só o *ticket* anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade de *ticket* em geral" (1985, p.193). Assim, pensar em forma de *ticket* é continuar sendo inimigo da diferença, já que tal condição é intrínseca a esse próprio sistema.

Os autores concluem seu texto apontando a possibilidade de superação dos "limites do esclarecimento". Segundo eles, "o próprio esclarecimento, em plena posse de si mesmo e transformando-se em violência, conseguiria romper os limites de esclarecimento" (1985, p.194). O esclarecimento deve resgatar a reflexão sobre si mesmo que deixou se perder; não ser pacífico nem fazer concessões no autoquestionamento sobre si, seus limites e possibilidades. A partir daí se delineia a perspectiva de abrir novos caminhos e romper com os limites desse esclarecimento, entendido até então como sinônimo de dominação e poder.

1.7 "Educação após Auschwitz"

"Educação após Auschwitz" foi uma palestra de Adorno, transmitida em 18 de abril de 1965 na rádio de Hessem e redigida pelo próprio autor para a publicação.

Segundo Adorno a questão primordial para a educação é "a exigência que Auschwitz não se repita..." (1995, p.119). Mas o próprio fato dessa exigência merecer tão pouca atenção e consciência por parte das pessoas, prova que a possibilidade que se repita semelhante evento é latente. Para o autor, enquanto permanecerem as condições que provocaram a barbárie, a barbárie também permanece.

Para Adorno é importante que se reflita com mais atenção sobre alguns dos conhecimentos possibilitados por Freud, principalmente nos seus ensaios *O mal estar na cultura* e *Psicologia de massas e análise do eu*. Segundo Adorno, "um dos [conhecimentos] mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório" (1995, p.119). É necessário refletir sobre "como evitar a repetição de Auschwitz" levando-se em conta as análises de Freud sobre a civilização, ou seja, de que esta já traz a barbárie em seu próprio princípio, dessa forma, evita-se cair num discurso apenas idealista. Tal perspectiva de análise complexifica mais a situação, pois tanto em 1965 quanto nos dias de hoje, pensando nas condições objetivas de um modo geral, é muito difícil ou quase que impossível se mudar a estrutura da sociedade. Dessa forma, resta o campo da subjetividade.

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor a Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo (Adorno, 1995, p.121).

Para Adorno é necessário desvendar nos próprios perseguidores quais mecanismos que explicam tais atos bárbaros. Revelar para eles mesmos porque agem de tal forma, visando despertar uma consciência que impeçam que venham a agir novamente de maneira bárbara. Segundo o autor há uma falta de consciência em tais fascista que faz necessário que eles reflitam sobre si mesmos. E Adorno chama a

atenção de que a educação só faz sentido enquanto instrumento que possibilite uma auto-reflexão crítica, com o objetivo de evitar a repetição da barbárie. Para esse propósito deve atuar em duas frentes: primordialmente na educação infantil, concentrando-se na primeira infância, já que segundo a psicologia é nessa fase que se dá a formação do caráter; "e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição..." (Adorno, 1995, p.123).

Para Adorno os sujeitos do mundo de Auschwitz formam um coletivo unidos por uma identidade cega, desprovidos de subjetividade. Assim, deve-se contrapor, através do esclarecimento contra esse cego poder dos coletivos, trazendo a consciência os problemas inerentes aos mesmos, objetivando que a barbárie não se repita. Quaisquer coletivos, em geral, são severos até com os próprios novos integrantes que se filiam a eles, através de diversos tipos de trotes que via de regra, os novos filiados devem ser capazes de suportarem na própria pele, através de dores físicas.

Segundo Adorno, tais hábitos criam o ambiente suscetível para a brutalidade nazista. Além do que, há uma relação totalmente infundada entre a virilidade, caracterizada como capacidade de suportar a dor, e educação severa.

Essa idéia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada. A idéia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que - como mostrou a psicologia - se identifica com muita facilidade com o sadismo (Adorno, 1995, p.128).

Ser duro consigo mesmo acaba por suprimir a sensibilidade também para com a dor alheia. O resultado desse tipo de educação é que se passa a ser indiferente com a dor em geral. Tal sujeito sente-se no direito de "ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas as manifestações precisou ocultar e reprimir" (Adorno, 1995, p.128).

É necessário trazer esse mecanismo à luz. Tomar consciência de que a educação não pode premiar a dor e se pautar no medo. Medo e dor que da forma que foram reprimidos só irão se manifestar de forma nefasta.

Adorno chama de "caráter manipulador" aqueles que, como os líderes nazistas, "se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado" (1995, p.129). Tais características comuns aos líderes nazistas, também estão, segundo Adorno, disseminadas pela sociedade, em vários líderes marginalizados que chegam aos noticiários. Na tentativa de explicar resumidamente esse "caráter manipulador", Adorno o denomina "de o tipo da *consciência coisificada*." Aqueles que se enquadram nesse tipo, primeiramente tornam-se iguais a coisas. Depois, vão transformando os outros também em coisas e submetendo-os a sua fúria.

A grande preocupação de Adorno nesse texto é como evitar que Auschwitz se repita. Como impedir a reprodução de "consciências coisificadas". Para tanto o autor formula uma "proposta concreta":

Quero fazer uma proposta concreta: utilizar todos os métodos científicos disponíveis, em especial psicanálise durante muitos anos, para estudar os culpados por Auschwitz, visando se possível descobrir como uma pessoa se torna assim (1995, p.131).

Pressupondo que seja possível conhecer as condições internas e externas que produziram tais criaturas, seria também possível a partir daí encontrar soluções que não torne possível um novo Auschwitz.

Outro ponto importante, que segundo Adorno é necessário examinar com mais detalhes é a relação entre a consciência coisificada e a técnica, na psicologia individual das pessoas. Como é possível que uma pessoa ou grupo de pessoas projetem uma câmara de gás para funcionar com precisão e eficiência e não se preocupem com o destino das vítimas. Segundo Adorno "no caso do tipo com tendências à fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar" (1995, p.133). As pessoas são frias demais umas com as outras e se recusam a amar.

se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com quem mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns

interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito (1995, p.134).

Na sociedade atual se aprofundou mais a defesa dos interesses particulares em relação aos interesses coletivos. "Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar" (1995, p.134). Segundo Adorno, essa ausência de identificação entre as pessoas foi a condição psicológica fundamental para tornar realidade Auschwitz. O interesse particular colocado acima de tudo faz com que as pessoas, visando tirar vantagem da situação, não se oponham a mesma, a não ser que seus interesses particulares sejam diretamente ameaçados.

Mas Adorno não está fazendo uma apologia do amor. O autor entende que o próprio cristianismo verdadeiro pretendia eliminar a "frieza que a tudo penetra" e fracassou, provavelmente porque não alterou as condições objetivas que produzem esse estado de coisas. Assim o primordial é tomar consciência de quais são os mecanismos que geram a frieza. Qual a sua gênese.

É necessário que a educação assuma o compromisso radical de que "Auschwitz não se repita." De forma que tal compromisso não se intimide em contrariar os interesses de quem quer que seja, mesmo do estado ou das potências.

Adorno finaliza seu texto declarando que a educação dificilmente evitará o ressurgimento dos "assassinos de gabinetes", ou seja, dos ideólogos que ordenam aos seus subalternos. Mas que em relação aos subalternos, que são os executadores das ordens e "enquanto serviçais, façam coisas que perpetuem sua própria servidão, tornando-os indignos (...) contra isto é possível empreender algo mediante a educação e o esclarecimento" (1995, p.138).

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, Theodor W. "Educação após Auschwitz." in: **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia de las Formas Simbólicas II: el pensamiento mítico**. Trad. Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- FERNANDES, Vladimir. **Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer**, 2006. 173 p. (Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. "A memória dos mortais: notas para uma definição da cultura a partir de uma leitura da *Odisséia*" in: **Cultura. Substantivo plural**. Coord. Márcia de Paiva e Maria Ester Moreira. Rio de Janeiro; Centro Cultural banco do Brasil - São Paulo; Ed. 34, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Do conceito de *Mimeses* no pensamento de Adorno e Benjamin"; "Do conceito de razão em Adorno" in: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1997.
- HOMERO. **Odisséia**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo, Ed. Cultrix, 1997, canto XII
- KANT, Immanuel. "Resposta à pergunta: que é 'esclarecimento'?" in: **Kant. Textos seletos**. São Paulo, Vozes, 1974.
- MATOS, Olgária C.F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo, Ed. Moderna, 1993.
- MATOS, Olgária C.F. "A melancolia de Ulisses" in: **Os sentidos da paixão**. Sergio Cardoso...[et al.] São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. 10º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.